

PERCORRENDO OS "ESTUDOS DAS MULHERES" – RUPTURAS CONCEPTUAIS



Poema de Daniel Faria

CONTEXTO

O séc. XX trouxe um avanço na ciência, na tecnologia e na compreensão do ser humano individual e colectivo que, como tem sido frequentemente afirmado, excede de longe tudo o que a humanidade avançara em todos os séculos precedentes.

O entendimento do ser humano-mulher, o seu processo emancipatório e a sua força colectiva de transformação social constitui um desses avanços. A tal ponto que tenho para mim que é o avanço mais significativo pelas repercussões em todas as esferas da vida e em todas as relações.

Se o séc. XX é o "séc. das mulheres" é aí que começa a História das Mulheres. Será então legítimo pensar que há uma era da "Antiguidade da História das Mulheres" em que abrem todos os caminhos Virginia Woolf, Lou Andreas-Salomé, Gertrude Stein e tantas outras? O seu pensamento permanece como tendo ponto as questões fundamentais.

Por isso a reflexão que vou fazer situa-se na continuidade da tão conhecida passagem de Virginia Woolf em "Three Guineas":

Num momento em que todos os poderes constituídos falam da igualdade entre homens e mulheres, há que sublinhar que essa igualdade emerge da diferença. É porque existe uma diferença irreduzível entre os sexos que a igualdade tem de ser construída. Mais: a diferença a que nos reportamos hoje é parte de uma diferença que marca o universo criado e, de modo especial, a própria humanidade.

Ora quanto mais aberto é o domínio do saber, às vezes até apenas conhecido nas suas interfaces, mais ele sofre as turbulências dos fenómenos sociais, mais se dilui a sua continuidade histórica e mais se distancia o saber dos seus textos fundadores e das suas fontes originais, (Temos essa experiência com a deriva que tem sofrido o 25 de Abril.)

A evolução dos feminismos e os movimentos de mulheres não ficaram imunes a essa lei geral. Tem sido unânime a constatação feita por mulheres que, sobretudo a partir das décadas de 60 e 70, foram o rosto visível de "as mulheres em movimento" como então lhes chamou Antoinette Fouque na iconoclasta revista que publicou com esse nome. Encontramos hoje uma

geração de mulheres que estão a anos-luz dos fenómenos sociais e do pensamento desenvolvidos há 30/40 anos. É indispensável que as mulheres de 20/30 anos conheçam e aprofundem, nos seus próprios termos, as ideias das mulheres que criaram e aprofundaram a teoria e a prática das mulheres na sociedade.

Abordo as questões de hoje com uma grande preocupação. A cultura patriarcal reinstala-se, tendo-lhe servido a liberdade sexual das mulheres como uma "smoke-screen".

É esse regresso da cultura patriarcal que me leva a assinalar rupturas conceptuais que são naturalmente óbvias para quem trabalha no domínio "Estudos das mulheres".

1. UM IDEAL REVOLUCIONÁRIO

Os "Estudos das Mulheres" são já, na sua génese, parte de uma vasta ruptura conceptual que diz respeito a toda a sociedade. Inscreveram-se na corrente que nos anos 60 começou a percorrer várias áreas da vida social e política, manifestando-se nos "movimentos sociais". Touraine

Entre esses movimentos, destacaram-se como tendo influenciado as instituições do poder e do curso da História:

- movimentos pacifistas e anti-nucleares: tendo começado a manifestar-se na ocasião da instalação dos SS20, veio a reforçar a vontade política para a aprovação dos Tratados ABM (anti-balistic missiles), NPT (non-proliferation treaty)
- movimentos ecologistas (que conduziram à tomada em linha de conta das grandes propostas dos partidos "os Verdes" e que provocaram a criação de Ministérios do Ambiente como a realização das Conferências Internacionais do Ambiente, em Estocolmo, no Rio de Janeiro, e, mais recentemente, ao processo de Kyoto).
- Movimentos estudantis (iniciados no Japão, atravessando a Califórnia onde Marcuse teve uma enorme influência e rebentando finalmente na Europa com Maio de 68);
- Movimentos de Libertação das Mulheres, que abala em todos os continentes o statu quo e abre o caminho para uma profunda transformação social e cultural.

Para todos estes movimentos, tratava-se de fazer face à hipocrisia da guerra fria, ao comércio de armas que as grandes potências haviam transformado num dos seus maiores negócios; tratava-se de romper com o modelo unidimensional da existência e com a sociedade de consumo – batalhas que precederam as que hoje são urgentes e indispensáveis.

Os "Estudos das Mulheres" são o último passo desta movimentação. Por isso, os "Estudos das Mulheres" começam necessariamente nessa evolução dos movimentos sociais e das ideias e nesse dinamismo de mudança do mundo.

Tratava-se de refazer o mundo. Vivia-se um ideal revolucionário.

2.O PESSOAL É POLÍTICO; O POLÍTICO É PESSOAL

A especificidade da ruptura conceptual trazida pelos movimentos das mulheres, carreando em si muitos aspectos dos outros movimentos sociais, consistiu sobretudo na quebra definitiva entre o privado e o público. Daí a muito afirmada convicção de que "todo o pessoal é político; todo o político é pessoal". (Convicção exemplificada hoje, de forma clara, na relação entre a violência doméstica contra as mulheres e a violência na sociedade e nos media que a estimulam.)

Ao analisarem em grupo as dificuldades das suas vidas, as mulheres deram-se conta de que a sua vida pessoal que julgavam íntima e individual estava estreitamente ligada com o sistema socio-cultural em que viviam. Causas e consequências não eram separáveis umas das outras na medida em que, durante séculos, as mulheres haviam interiorizado a situação de subordinação que as dominava. Se o sistema patriarcal criara costumes e leis que as oprimiam, também as mulheres, por seu turno, as haviam acatado e transmitido a suas filhas pela conformação a que "assim era o destino das mulheres".

Fundação Cuidar o Futuro

Em paralelo com a Física e muito mais recentemente com a bio-engenharia, os EDM partilham a ruptura com o que constituira durante séculos um "dogma" dos saberes. Nasceram sem "pecado original". Pairavam no limbo da inocência. Só ao traduzirem-se em "técnica" poderiam ter implicações sociais e políticas "boas" ou "más". Ora já Heisenberg se debatera a vida inteira com o mito da neutralidade política da ciência. E durante toda a segunda metade do séc. XX muitos foram os cientistas que, depois da reacção de Oppenheimer a Nagasaki e Hiroshima e das infrutíferas tentativas de Einstein para dissuadir Truman da utilização da nova arma. Hoje é evidente que nada é neutro. Tudo contém uma visão do mundo, uma orientação para a estabilidade ou para a mudança, um conceito sobre a pessoa humana e a sua fundamental dignidade, uma tomada de posição face ao desenrolar da história.

Duas grandes áreas do saber confirmam à simples observação esta afirmação:

- a produção literária;
- a evolução da economia.

A economia pertence à nossa experiência quotidiana. Por muito que se fale a linguagem técnica ou se codifiquem os factos em números, a economia revela o seu carácter dominante na era do capitalismo selvagem e globalizado em que entrámos. Ora, para além da nossa experiência quotidiana dos factores

económicos que marcam a nossa vida, também a economia se mostra hoje mais do que nunca como não-neutra. Amartya Sen afirma-o com clareza.....

/3) Em paralelo com a Física e muito mais recentemente

Fundação Cuidar o Futuro

